

PASSEIO NAS VEREDAS DA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

À primeira vista, soa paradoxal que as expressões interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade estejam em uso crescente, na sociedade contemporânea, quando, cada vez mais, há redução de limites de atuação, com tendência crescente e irreversível à especialização e à subespecialização nas diferentes áreas do conhecimento. Em que pese os limites frágeis entre tais termos e a diversidade teórica subjacente à sua concepção ditada pela gradação existente entre eles, o fato é que tal gradação se estabelece com base no nível de coordenação e de cooperação entre as diferentes disciplinas. Assim, não obstante fragilidade e controvérsias, há temas em que a interdisciplinaridade flui de forma espontânea e irreversível. É o caso da comunicação científica.

Impossível falar, com propriedade, da comunicação científica, sem unir idéias e pensamentos de profissionais de campos distintos (mas não díspares), a exemplo da Ciência da Informação (CI) e da Comunicação Social. Isto porque, quando falamos de comunicação científica nos referimos, muito mais do que antes, à circulação de conhecimentos gerados fora do circuito fechado e erudito da comunidade científica. Se, *a priori*, como irreversível, a divulgação de resultados se dá entre científicos / pesquisadores / acadêmicos, é preciso superar a tendência da comunicação tão-somente para e entre cientistas. A partir do momento em que nos conscientizamos da ciência como processo fundamentalmente social, temos noção, de imediato, de que ela transcorre em consonância com as demandas do contexto em que se insere. Portanto, como sistema social, a ciência deve ultrapassar as fronteiras da comunidade de usuários mais imediatos, sob o risco de se tornar estéril e inútil. A ciência fechada em si mesma assume a identidade de nova (mas, improfícua) religião, designada, hoje, “cientismo”, tal como retomado num dos textos deste número especial de **Informação & Informação**, dedicado à **COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: COMPLEXIDADE E MULTIFACETAS**.

E, decerto, é impossível discordar: a única forma de substituir o nefasto “cientismo” é a prática do cientificismo. Trata-se de termo que designa o apoio das coletividades às atividades dos cientistas. Tal apoio se vincula ao valor que os diferentes estratos sociais imprimem às pesquisas em andamento ou executadas em seu entorno, às expectativas que nutrem em torno das funções e das aplicações dos resultados das pesquisas, e, sobretudo, à tranquilidade de retorno social dos elevados investimentos públicos em ciência e tecnologia. No entanto, se é atribuída máxima de pesquisadores e comunidades científicas compartilhar conhecimentos científicos com a sociedade, o profissional da informação deve estar ao seu lado. Afinal, a ele compete gerir a informação, segundo as demandas dos distintos públicos, mediante os processos de aquisição, organização, descrição, indexação, armazenamento, recuperação e distribuição das informações que emanam dos mais diferentes suportes, impressos, digitais ou eletrônicos.

E vamos além: se os cientistas necessitam do profissional da informação, este, por sua vez, para fazer chegar à informação ao grande público, rompendo os sempre elevados muros das academias e dos institutos de pesquisa, não pode atuar sozinho. Quando falamos da comunicação científica extramuros, cientistas e profissionais da informação demandam a atuação do comunicador social, ou mais especificamente, do jornalista.

Por tudo isto, a edição de **Informação & Informação**, COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: COMPLEXIDADE E MULTIFACETAS, traz ao público, especializado (ou não), textos variados, escritos por profissionais do campo da CI, a exemplo de Suzana P. M. Mueller e Sônia Elisa Caregnato, e da Comunicação Social, a exemplo de Graça Caldas e Cristiane Portela de Carvalho. Há quem, formalmente, transite nas duas áreas, como Ida Regina Chittó Stumpf e Maria das Graças Targino ou quem atue em áreas correlatas e indissociáveis, como Geraldina Porto Witter.

São textos múltiplos. Variados não apenas no que se refere à experiência e à formação profissional dos autores, mas também quanto à procedência. Registra-se a presença de quatro regiões brasileiras, Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Rompem-se as fronteiras nacionais, no momento em que se acata a colaboração do professor Osvaldo Nilo Balmaseda Neyra, Doutor em Ciências

Pedagógicas e Subdiretor de Educação em Pós-Graduação do Ministério de Educação Superior de Cuba, autor de resenha de livro oriundo, também, de esforços empreendidos pela equipe da Universidade Estadual de Londrina, intitulado *Recursos informacionales para compartir información...*

Mas, a diversificação da edição especial de **Informação & Informação**, fiel ao seu título (COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: COMPLEXIDADE E MULTIFACETAS), se refere, sobretudo, aos aspectos particulares subjacentes à comunicação científica, os quais a transmutam em tema pleno de mistérios a desvelar. Há, portanto, autores que se preocupam em expor as concepções que aproximam e demarcam os limites entre comunicação científica e divulgação científica, tal como o faz, com a precisão de um cirurgião hábil e experiente, o comunicólogo Wilson da Costa Bueno. O texto que segue, de Suzana P. M. Mueller e Rita de Cássia do Vale Caribe, historia o transcurso da comunicação científica para o público leigo ao longo dos séculos, privilegiando as tentativas iniciais de divulgação científica. Esta, desde sua infância e puberdade até sua decantada maturidade, ainda não está isenta das relações de poder advindas dos confrontos inevitáveis que pairam entre jornalistas x cientistas, como explorado, com maestria, por Graça Caldas e reforçadas, de forma indireta, em texto de Cristiane Portela de Carvalho. A autora dissecou, com propriedade, o exemplo de dois títulos de divulgação científica para o público brasileiro, as revistas *Scientific American Brasil* e *Superinteressante.*, trazendo à tona suas semelhanças e diferenças.

Aliás, pela posição central que ocupam no universo da comunicação e / ou divulgação científica, as revistas científicas (no sentido estrito do termo) ou as revistas de divulgação científica, independentemente do suporte em que estão editadas, ocupam posição privilegiada neste número de **Informação & Informação** voltado à comunicação científica. Como decorrência, a questão da qualidade numa época histórica em que o quantitativo parece ocupar atenção central, está contemplada nos artigos *Qualidade de periódicos científicos eletrônicos brasileiros que utilizam o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas...* e *Análise de citações dos artigos da Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação...*, respectivamente de Sely Maria de Souza Costa e

Luisa Veras de Sandes Guimarães, e Ida Regina Chittó Stumpf e Zuleika de Souza Branco.

Mas o que dizer frente ao avanço inesperado e irrefreável da blogosfera que alcança o mundo dos científicos / pesquisadores / acadêmicos? A resposta (ou parte dela) está em texto de Sônia Elisa Caregnato e Rodrigo Silva Caxias de Sousa. Ademais, nos dias de hoje, em que se fala, com furor e sem pudor, da “morte do autor”, por todas as controvérsias que o tema suscita, é esperado que **COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: COMPLEXIDADE E MULTIFACETAS** explore pontos de vista distintos e controversos. Até porque nunca teremos resposta unívoca sobre a autoria na contemporaneidade. Isto está evidente em três textos, da autoria de Leilah Santiago Bufrem e Rene Faustino Gabriel Junior e Viviane Gonçalves; Geraldina Porto Witter; e Maria das Graças Targino.

Eis, pois, a comunicação científica como universo em ebulição e evolução, onde respostas unívocas inexistem diante de sua complexidade e facetas múltiplas, e, sem dúvida, inesgotáveis!

Dezembro de 2010

Maria das Graças Targino e Maria Júlia Giannasi-Kaimen

Editoras